

O FAZER PSICOLÓGICO EM UMA MATERNIDADE HOSPITALAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Giovana Pilecco dos Santos¹; Danieli Ramos Lopes Trevisan²; Giovana Durigon Alves³; Júlia Katzer Pedroso⁴; André Luis Volmer⁵; Diogo Faria Corrêa da Costa⁶; Cristina Saling Kruel⁷

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as experiências de estagiárias do curso de psicologia em uma maternidade hospitalar, com ênfase no trabalho multiprofissional. Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, desenvolvido com base nas práticas de estágio obrigatório do curso de psicologia na maternidade hospitalar do interior do Rio Grande do Sul, durante o primeiro semestre de 2022. Observou-se que o acompanhamento psicológico é um apoio importante para mediação do relacionamento entre a parturiente, seu acompanhante e os profissionais envolvidos na assistência ao trabalho de parto. Conclui-se que a experiência de estágio junto à equipe multiprofissional de assistência perinatal tem potencial enriquecedor para a formação acadêmica de estudantes de psicologia. Os desafios cotidianos favorecem o desempenho de uma posição profissional assertiva, tal como um profissional de psicologia é demandado em sua atuação profissional.

Palavras-chave: Gestação; Puerpério; Perinatalidade; Psicologia.

Eixo Temático: Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS).

1. INTRODUÇÃO

O nascimento de um bebê acarreta mudanças na vida daqueles que assumem as funções parentais e seus familiares, o que pode desencadear fragilidades psíquicas manifestas na maternidade hospitalar. Essas mudanças tendem a aparecer desde o descobrimento da gravidez e se intensificam ao longo da gestação. Porém, a experiência da parturição tende a intensificá-las. Por essa razão,

¹ Giovana Pilecco dos Santos - Universidade Franciscana - giovanapilecco@gmail.com

² Danieli Ramos Lopes Trevisan - Universidade Franciscana - danielitrevisan575@gmail.com

³ Giovana Durigon Alves - Universidade Franciscana - durigon.giovana@gmail.com

⁴ Júlia Katzer Pedroso - Universidade Franciscana - julia.kpedroso@ufn.edu.br

⁵ André Luis Volmer - Hospital Casa de Saúde - andreluisvolmer@gmail.com

⁶ Diogo Faria Corrêa da Costa - Universidade Franciscana - diogo.costa@ufn.edu.br

⁷ Cristina Saling Kruel - Universidade Franciscana - cristinakruel@prof.ufn.edu.br

o suporte psicológico no período perinatal é relevante e tem o potencial de amenizar as emoções intensas e disruptivas que podem surgir neste período (SANTOS *et al.*, 2011).

Em uma maternidade hospitalar, geralmente, as pacientes não estão internadas em razão de uma patologia, mas para experienciar algo que é natural da vida, ou seja, o nascimento. Neste contexto, vale ressaltar que nem sempre o sofrimento psíquico estará evidente, pois pode estar encoberto por outras questões que surgem com a chegada de um bebê. Assim, os profissionais da psicologia precisam exercer uma busca ativa, para que possam validar os sentimentos e conhecer a história de vida das pacientes (KANSOU *et al.*, 2018).

Ainda nos dias atuais, o modelo biomédico impera no contexto hospitalar, sendo ele exclusivamente técnico. Porém, nas maternidades hospitalares esse discurso e a sua prática vem sendo modificado com a contribuição do movimento de humanização do parto, que busca considerar os aspectos culturais e sociais, para que a paciente vivencie esse momento da melhor forma possível (LAGUNA *et al.*, 2021).

Os profissionais da psicologia que atuam no contexto hospitalar, incluindo na maternidade, encontram diversos desafios, como ter que adaptar os seus atendimentos ao espaço físico disponível, o que difere da clínica tradicional. Além disso, outro obstáculo encontrado é conseguir se inserir na equipe multiprofissional, visto que a profissão do psicólogo ainda está conquistando o seu lugar neste contexto. A psicologia ainda está delimitando a sua atuação e afirmando a importância do seu trabalho na área da saúde (QUEIROZ *et al.*, 2020). Sendo assim, é preciso desconstruir mitos que existem em torno da profissão, como a crença de que os psicólogos realizam conversas e não atendimentos baseados na ciência, para que, assim, se consiga atuar junto à equipe sem ter a presença questionada. Tendo em vista tais aspectos, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre as experiências das estagiárias do curso de psicologia em uma maternidade hospitalar, com ênfase no. Bem como, dissertar sobre o trabalho multiprofissional.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo qualitativo, que se configura como um relato de experiência desenvolvido a partir da prática de estágio, realizado dentro do curso de psicologia de uma universidade no interior do Rio Grande do Sul, durante o primeiro semestre de 2022. Um estudo qualitativo consiste em uma pesquisa integrada, realizada no local onde ocorre o fenômeno. Diante disso, o pesquisador precisa adentrar esse contexto, para então conseguir analisar as diferentes perspectivas e reunir os dados coletados. Neste sentido, os estudos qualitativos devem ser utilizados para compreender as questões humanas e as suas relações sociais (GODOY, 1995).

O relato de experiência se caracteriza como uma importante fonte de conhecimento científico, principalmente para as áreas que se propõe a estudar a complexidade humana. Assim, para construir um relato robusto e consistente, é necessário compreendê-lo como um trabalho documental, com base em narrativas, por isso, é necessário que pelo menos um dos autores tenha se inserido no campo analisado como participante, e não pesquisador, para que possa fazer críticas e problematizações. Além disso, o relato deve buscar compartilhar novos conhecimentos com a comunidade científica e com a sociedade em geral, desta forma, precisa ter uma linguagem clara e acessível, evitando fazer conclusões e apontando as falhas do estudo (DALTRO; FARIA, 2019).

As práticas de estágio foram realizadas em uma maternidade de um hospital regional no interior do Rio Grande do Sul, a qual presta assistência para trinta e três municípios. Nesta maternidade, são recebidas gestantes de risco habitual, ou seja, que não tiveram intercorrências durante a gestação e não apresentam comorbidades pré-existentes. Assim, a maternidade realiza em sua maioria partos normais, mas também conta com uma sala cirúrgica para a realização de cesarianas de emergência.

Os atendimentos psicológicos prestados na maternidade foram em sua maioria com as puérperas e seus acompanhantes, visto que as gestantes já costumam chegar em trabalho de parto, o que dificultava um acolhimento. Diante disso, as estagiárias costumavam fazer uma busca ativa junto à equipe de saúde

para saber se existiam demandas para a Psicologia. Entretanto, mesmo não havendo uma demanda latente, as escutas e os acolhimentos eram realizados com a maior parte das puérperas que estavam internadas no hospital.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Lebovici (1987), o bebê que está chegando foi idealizado a partir de ideias prévias imaginárias da mãe sobre sua existência. Por isso, a mulher que chega ao hospital, possui desejos que cultivou não só durante a gestação como, possivelmente, por uma vida inteira. Frente a isso, pode ser bastante frustrante que, em grande parte dos casos, aquilo que se idealiza para o parto, nascimento ou até para o futuro do bebê e da mãe, não se apresente no campo real.

O parto é um momento sensível na experiência humana que gera tanto afeto quanto inseguranças e, ter que lidar com as expectativas criadas em relação ao bebê e a maternidade, podem trazer certo sofrimento para as puérperas neste período. Portanto, acolher e compreender o momento vivenciado e auxiliar na elaboração da gestação, parto, nascimento e futuro podem ser consideradas algumas das competências do psicólogo hospitalar (SOARES, 2021). Além disso, dentro da maternidade também era comum aparecer sentimentos ambivalentes, visto que o nascimento pode ser uma experiência nova para as puérperas.

No contexto do estágio, as acadêmicas presenciaram diversas situações em que as pacientes demonstraram-se sensibilizadas e emotivas, principalmente quando ocorriam frustrações em relação ao que elas idealizaram para o momento. Durante o trabalho de parto, as mulheres frequentemente vivenciam sentimentos diversos e intensos, portanto, mesmo que tudo esteja ocorrendo de forma satisfatória para que o parto natural aconteça, é comum que a mulher manifeste o desejo de ser encaminhada para uma cesariana. Quando as puérperas realizam pedidos como esse, é compreensível e até esperado que a equipe, principalmente se a mesma estiver alinhada com os conhecimentos produzidos pela Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2013), precise realizar uma nova orientação para a puérpera e seu acompanhante dando ênfase a importância de persistir na tentativa do parto natural oferecendo apoio emocional e também tranquilizando-a.

Durante a prática de estágio, tais pedidos costumam ser frequentemente observados. Com isso, a conduta da equipe, naturalmente, era de informar às pacientes sobre quando seria indicado a realização da cesariana e quando o parto normal era o mais recomendado. Neste sentido, a psicologia também pode se fazer presente para mediar esse diálogo, proporcionando um espaço de escuta e acolhimento, tanto para a paciente, quanto para a equipe, com a finalidade de facilitar a comunicação entre ambas e priorizar a subjetividade de cada um (QUEIROZ *et al.*, 2020).

A experiência de estágio também revelou que nas ocasiões em que fazia necessário o prolongamento da internação hospitalar, por conta de alguma patologia no bebê, por exemplo, as puérperas tendiam a apresentar desestabilização emocional. Como efeito disso, também era observada a comoção nos profissionais de saúde. Nesses casos, a equipe de psicologia realiza a avaliação do estado psíquico da paciente e também o acolhimento, com o propósito de minimizar as angústias, inseguranças e anseios. O acompanhamento psicológico é um apoio para mediação do relacionamento entre a parturiente, seu acompanhante e os profissionais envolvidos na assistência ao trabalho de parto. Nota-se o favorecimento da compreensão de que a mulher precisa ser reconhecida como um sujeito de desejos singulares que possui questões emocionais envolvidas nesse processo e considerando os conhecimentos técnicos da equipe (ARRAIS, MOURÃO, 2013).

As intervenções das estagiárias do curso de psicologia no contexto da maternidade também estiveram comprometidas com a transmissão de informações referentes ao período do puerpério. Diálogos abertos foram promovidos a fim de tranquilizar e naturalizar sentimentos de maior irritabilidade, sensibilidade ou mesmo fragilidade durante este período, assim como, reafirmar a importância de uma rede de apoio presente. Acima de tudo, a oportunidade de proporcionar um espaço de escuta à puérpera para a elaboração de suas possíveis angústias ou satisfações presentes nesse momento. Essa prática demonstrou-se um diferencial no acolhimento às puérperas e suas famílias.

Os atendimentos realizados na maternidade eram breves, levando em consideração a dinâmica do ambiente onde as pacientes ficam internadas de 24 horas a 48 horas, geralmente. Além disso, o espaço físico, que é compartilhado entre as puérperas, pode dificultar a vinculação e o compartilhamento de informações pessoais. Segundo Soares *et al.* (2021), os atendimentos neste contexto costumam ser realizados em formato de acolhimento, no qual são avaliadas a vinculação entre os pais e o bebê e o histórico de vida da paciente. Além disso, é possível realizar intervenções com a equipe de profissionais da maternidade, visando a melhora da comunicação entre a equipe, um atendimento humanizado em relação aos pacientes e a comunicação e acessibilidade da equipe com as pacientes e acompanhantes (ARRAIS; MOURÃO, 2013).

O profissional de psicologia, a partir da sua expertise, deve estar atento e disponível ao cuidado com os demais profissionais inseridos no contexto hospitalar. Principalmente porque, estes indivíduos frequentemente estão submetidos a práticas que podem os fazer visualizar dor, sofrimento e estarem frente a frente com as fragilidades humanas. Este contato direto pode fazer com que os mesmos criem mecanismos de defesa para poderem lidar com o ambiente de trabalho, que mostra-se tão desafiador. Um exemplo destas situações era quando a equipe aparentava sentir-se um tanto desestabilizada e pressionada ao precisar lidar com questões delicadas como mediar o transporte de um recém nascido para outro hospital ou quando o mesmo precisava de cuidados mais específicos ou urgentes, visto que o hospital atende demandas de baixa ou habitual complexidade.

A psicologia se insere nesses casos, principalmente, para que a equipe consiga elaborar o acontecido permitindo um espaço para acolhimento, mesmo sem um roteiro e uma estrutura de intervenção naquele momento. Essa prática está ligada ao campo de estágio de promoção e prevenção da saúde, fazendo com que todos os presentes sendo enfermeiros, médicos, residentes, equipe de higienização etc. façam uma tentativa de integrar as suas dimensões psíquicas, físicas, conscientes e inconscientes (MORAES, 2021).

Na vivência específica deste estágio, alguns exemplos se destacavam quando a temática era a ambivalência entre os desejos singulares da puérpera e a

melhor conduta clínica vinda da equipe que está responsável pelo caso. Evidenciou-se que os equívocos ou até mesmo os conflitos entre as pacientes e a equipe podem ser frequentes tanto nas situações do parto, como durante a decisão sobre os procedimentos, quanto no pós-parto, como na decisão de oferta do leite materno para o bebê ou não.

Alguns desencontros entre a equipe e as mulheres se faziam presentes quando, no pós-parto, a puérpera manifestava o desejo de não realizar o aleitamento materno. A equipe de assistência perinatal, ao reconhecer os benefícios que o aleitamento materno proporciona para o bebê e para a mulher (BRASIL, 2009), por vezes, demonstrava frustração diante da negativa inesperada da mãe. Desta forma, a psicologia juntamente a equipe pode assumir a posição de orientação à puérpera quanto a informações sobre o aleitamento, reforçando seus benefícios de forma acessível e sem juízo de valor. E ainda assim, os profissionais precisam acolher esta decisão e buscar ouvir, respeitar e compreender sobre os motivos que a levam a este desejo, zelando pela saúde física e mental da mãe e do bebê.

No hospital, os profissionais que compõem a equipe de assistência perinatal mantêm visões diversas sobre um mesmo paciente e, muitas vezes, a ideia inicial que se cria pode não corresponder com a realidade que se apresenta. Assim, é importante manter-se em uma posição de acolhimento e abertura para o encontro com o outro frente aos usuários do sistema de saúde. Na maternidade onde foi realizado o estágio, pode-se observar que esse trabalho junto à equipe multiprofissional torna-se de suma importância pois cada profissional corrobora para a construção de uma visão integrada e eclética sobre os casos, as quais se complementam.

4. CONCLUSÃO

O presente relato se faz necessário para discutir sobre esses desafios, pensar maneiras de superá-los e argumentar sobre o papel da psicologia na maternidade. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo geral refletir sobre as experiências vivenciadas pelas estagiárias de psicologia na maternidade de um

hospital. Bem como, dissertar sobre o trabalho multiprofissional, analisar os conflitos entre o desejo da paciente e a visão biomédica, e defender a importância da psicologia neste ambiente.

A equipe de psicologia atuante em uma maternidade hospitalar colabora para o aprimoramento das formas de comunicação da equipe multiprofissional, por meio de intervenções que visem a diminuição de informações desencontradas e na humanização do atendimento realizado com as pacientes e seus recém-nascidos. Além disso, busca-se acolher e validar os sentimentos e emoções trazidos pelas pacientes, seus acompanhantes e também por outros profissionais de saúde, visto que, neste contexto, todos podem mostrar-se sensibilizados.

Levando em consideração as questões apresentadas, é importante compreender as motivações da equipe, que certamente realiza seu trabalho com excelência ao insistir em práticas o mais benéficas possíveis para mãe e para seu bebê. Assim como, perceber que em casos de emergências é evidente que os profissionais precisam assumir a responsabilidade e decidir sobre realizar ou não determinados procedimentos.

No entanto, é inegável que existe uma linha tênue que pode tornar essas questões ambíguas. Diante disso, a singularidade de cada gestante, parturiente e puérpera sempre estará presente e não legitimar seus desejos, de alguma forma, pode evidenciar nessa relação uma possível falta de autonomia e protagonismo da paciente frente a sua própria vivência.

Por fim, conclui-se que a experiência de estágio junto à equipe multiprofissional de assistência perinatal tem potencial enriquecedor para a formação acadêmica de estudantes de psicologia. Portanto, os desafios cotidianos favorecem o desempenho de uma posição profissional assertiva, tal como um profissional de psicologia é demandado em sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, A. R.; MOURÃO, M. A. Proposta de atuação do psicólogo hospitalar em maternidade e UTI neonatal baseada em uma experiência de estágio. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 152-164, dez. 2013. Disponível

em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2013000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política nacional de humanização. **Rede Humaniza SUS**. Brasília, 2013.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudo e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 jun. 2022.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, p. 20-29, mai./jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MORAES, M, H, C. **Psicologia e psicopatologia perinatal**. Curitiba. Appris, 2021.

KANSOU, A. M. *et al.* A psicologia dentro de um hospital maternidade: levantamento de dados. *In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE*, 2, 2018. p. 45-57. Disponível em: <https://cbpsifae.fae.edu/cbpsi/article/viewFile/41/40>. Acesso em: 16 maio 2022.

LAGUNA, T. F. S. *et al.* Parto e perinatalidade: O papel do psicólogo hospitalar nesse contexto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15351>. Disponível em <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15355>. Acesso em: 16 maio 2022.

LEBOVICI, Serge. O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

QUEIROZ, L. L. G. *et al.* A psicologia na maternidade hospitalar: um relato de experiência. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 32, n. 1, p. 57-63, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5679>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/sYQKkhsgm8XCZcjmFVNLmmD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2022.

SANTOS, A. P. *et al.* A importância da psicologia no atendimento de mães e pais na maternidade. *In: Jornada de Pesquisa em Psicologia*, 4, 2011, Santa Cruz do Sul. Anais eletrônicos [...] Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011. p. 06 - 10. Disponível em: https://www.unisc.br/anais/jornada_pesquisa_psicologia/2011/arquivos/02.pdf. Acesso em: 16 maio 2022.

SOARES, L. M. *et al.* A prática psicológica em uma maternidade hospitalar: um relato de experiência. *In: Simpósio de ensino, pesquisa e extensão*, 2021. DOI: <http://doi.org/10.48195/sepe2021-143>. Disponível em: <https://www.ufn.edu.br/site/evento/doi/17210>. Acesso em: 28 jun. 2022.